

**ARTIGOS E ENSAIOS****A FUSÃO SENSORIAL ENTRE SUJEITO E OBJETO NO ROMANCE A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS, DE MARCUS ZUSAK**

Por Jacielle da Silva Santos

A experiência estética, segundo Fiorin (1999), tem corroborado para o estudo da estesia na relação de conjunção entre sujeito e objeto. Esse momento pode ser exemplificado na literatura como algo surreal que foge a cotidianidade. O sujeito é deslocado de sua rotina e passa a experimentar outros sentimentos, outra realidade. Tal transformação, revela ao leitor a intensidade de sentimentos vivida pelo sujeito. Dependendo da forma em que essa mudança de plano enunciativo ocorrerá o leitor pode ser levado a uma catarse.

A partir de tais reflexões fui instigada a ler o livro *A menina que roubava livros*, de Marcus Zusak, após assistir ao filme\* com meus alunos para cumprir uma atividade escolar. Meu fascínio e curiosidade pela narrativa me levou a selecioná-lo com a intenção de mobilizar as categorias da semiótica francesa para analisar a relação da experiência estética entre personagem (sujeito) e livro (objeto).

Tais discussões foram levantadas durante a disciplina *Seminário avançado em Literatura e Semiótica\*\** nos possibilitando ressignificar a leitura de romances relacionados a um leitor em potencial e sua relação com o livro/leitura. Durante as aulas, refletíamos sobre qual a função da literatura na sociedade, como o leitor se comporta diante do objeto livro; qual a função da leitura literária na escola, etc. Nosso objetivo era encontrar, na ficção, narrativas que contribuíssem com as reflexões teóricas discutidas.

Desse modo, guiada pelas leituras da disciplina e das demais presentes em meu universo discursivo, nos proporemos neste trabalho em primeiro lugar, abordar brevemente o conceito de romance para Massaud (1979) seguido da apresentação do enredo do livro de Zusak. Em segundo lugar, comentaremos as categorias de análise da semiótica narrativa pautados em Barros (2005) no que concerne a sintaxe narrativa do romance apresentado. Posteriormente, discutiremos a relação sensorial entre sujeito e objeto da narrativa em Fiorin e Tatit (1999). Ao longo da discussão, pretendemos mostrar como se dá a relação do sujeito com o livro e quais significados dessa relação vão aparecendo ao longo do romance.

---

\* Filme sob a direção de Brian Percival, baseado no livro best-seller, *A menina que roubava livros* - de Marcus Zusak. Conta a história de Liesel uma garotinha extraordinária e corajosa que foi viver com uma família adotiva durante a Segunda Guerra na Alemanha. Ela aprende a ler encorajada por sua nova família e Max, um refugiado judeu que elas escondem no porão. Para Liesel e Max, o poder das palavras e da imaginação se torna a única escapatória do caos que está acontecendo em volta deles. *A menina que roubava livros* é uma história sobre a capacidade de sobrevivência e resistência do espírito humano. Central de Ajuda do YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=1djqawQcng> Acessado em dezembro/2020.

\*\* Disciplina ofertada pelo Doutorado em Ensino de Língua e Literatura (PPGL/UFT/ Araguaína-TO), ministrada pelo professor Dr. Márcio Melo e a professora Dr.<sup>a</sup> Luiza Helena O. da Silva - UFT, a qual participei na época (2018) - como aluna especial.

## O romance

Como sabemos a palavra romance sofreu muitas transformações ao longo da história. Desse modo, a concepção de romance em prosa abordada neste trabalho será proposta a partir de Dostoiévski no final do séc XIX, considerado – de acordo com Massaud (1979) – o pai do romance moderno, uma vez que, injeta a prospecção psicológica na narrativa. Do mesmo modo, em Proust e Gide tivemos uma outra revolução no que concerne as abordagens psicológicas das personagens. “O resultado é uma aproximação cada vez maior com a vida, ânsia perene do romance desde seu nascimento. Ou, se se preferir, um sequioso desejo de ser a própria vida transfundida em Arte.” (MASSAUD, 1979, p. 94).

Sob esta perspectiva, cabe ao romance recriar e reconstruir o mundo a partir do olhar dos romancistas, seus modos de ver a vida e os fatos que a constroem ou destroem. O romance enquanto narrativa em prosa deriva de um texto no qual os romancistas irão, por meio de sua subjetividade, recriar a decadência humana. Assim, Marcus Zusak, autor australiano do romance aqui analisado, partirá das experiências de sua família e amigos próximos para criar seu romance, acrescentando a essas experiências o desejo de criar uma personagem que roubasse livros. Temos então a junção de um entretenimento e uma visão crítica de certa parcela da sociedade, como veremos a seguir.

*A menina que roubava livros* – de Marcus Zusak conta a história de uma garotinha que é separada de sua família consanguínea devido questões políticas. A história se passa na época do Nazismo, na Alemanha. Nesse contexto, Liesel Meminger (A menina que roubava livros), irá encontrar um universo paralelo que a ajudará a superar dia após dia os impactos diretos e indiretos da ditadura hitlerista, por meio da leitura e escrita.

Há algo peculiar nesse livro. Trata-se do fato de a história, de Liesel, ser contada pela Morte em um momento sócio cultural em que a mesma se faz presente em cada respirar da Alemanha nazista. Desse modo, ninguém melhor que a própria para mostrar sua rejeição ao ódio humano. “Última nota de sua narradora: Os seres humanos me assombram.” (ZUSAK, 2007, p. 478). Em vários outros trechos essa peculiar narradora deixa demonstrar sua indignação pelas mortes causadas durante a época, mesmo, como ela ressalta, seu ofício sendo o de levar as almas.

A narração não é linear. No prólogo a narradora fala um pouco dos sentimentos em relação a si e às cores que dominavam o mundo naquela época, em específico na Alemanha. Em seguida, apresenta a menina e suscintamente o momento crucial em que a viu entre os escombros. Ato este que retoma ao final do livro com riqueza de detalhes. Mais adiante, convida o leitor a conhecer a história de Liesel, ser humano pelo qual se encantou e passou a observar.

Temos como drama central a história da vida de Liesel. Paralela a essa, são apresentados vários outros dramas de diferentes graus de importância. No entanto, todos os demais convergem para intensificar o drama principal que é vivido pela menina. “... Esse procedimento implica que a análise do drama principal ilumina o entendimento dos secundários, ao passo que estes ajudam a entender o outro.” (MASSAUD, 1979, p.102,

grifo nosso).

No primeiro capítulo a narradora nos apresenta a trajetória da chegada de Liesel à Rua Himmel. Sua família adotiva (Hans e Rosa Hubermann), seu amigo Rudy e sua relação com a professora e a escola. Quanto a arte de furtar livros, o primeiro ato criminoso dá-se no enterro do irmão. Um dos coveiros perde um manual referente a seu ofício. Ali começa a história de Liesel e os livros (objeto da narrativa). Nesse momento inicial a narradora já anuncia ao leitor que essa “*menina pálida, de estômago vazio, enregelada, de lágrimas cristalizadas era a roubadora de livros.*” (ZUSAK, 2007, p.14).

Logo no início, somos informados que havia na menina uma vontade enorme de compreender as letras, mas a mesma continha-se em perguntar as pessoas. Como era de se imaginar a escola foi um pesadelo. Se frequentar a escola para quem sabe ler é difícil imagina para a roubadora de livros, que não sabia ler nem escrever enquanto os demais colegas de classe sabiam. Entretanto, se tem algo que Liesel sabia muito bem era lutar, seja física ou intelectualmente. Também havia Rudy e Hans para defendê-la nesse primeiro momento e em muitos outros.

A narradora nos revela, ainda neste capítulo, que havia um desejo: ler aquele livro de capa preta que era a única lembrança palpável do irmão e de sua mãe. O livro enquanto objeto de desejo é apresentado pela narradora como sedutor. Ele, desde o início, atrai a menina como um ímã. Ela é levada a cometer vários furtos, e a cada novo ato criminoso a narradora descreve detalhadamente os motivos que levam a menina a escolher seus livros, sua leitura.

O leitor ainda não sabe, mas Liesel não é alfabetizada. Por esse motivo a Morte detalha-nos as cores que chamaram a atenção da roubadora de livros. Já podemos apontar aqui que a narrativa será permeada pelo estabelecimento de uma relação sensorial entre narradora e leitor, bem como entre as personagens e o objeto (livro/leitura). “*Havia uma coisa preta e retangular abrigada na neve. Só a menina a viu. Ela se curvou, apanhou-a e a segurou firme entre os dedos. O livro tinha letras prateadas*” (ZUSAK, 2007, p.14, grifo nosso). Liesel não sabia do que se tratava, no entanto, era a única memória do irmão que partira desse plano.

Inicialmente, havia um grande empecilho: aprender a ler. Como já citado anteriormente, a escola - enquanto instituição de ensino no contexto da Alemanha hitlerista - era incapaz de proporcionar isso a Liesel. Contudo, havia alguém que poderia ajudá-la. Esse alguém tocava acordeão (o que a acalmava) e tinha “olhos cor de prata”. Foi durante um dos pesadelos da menina que Hans descobriu o livro que ficava embaixo de seu colchão. Assim, ler ganharia uma outra conotação, diferente da oferecida pela escola. Enquanto nessa lê-se para o cumprimento de um dever, em outros momentos a leitura pode ser associada a estesia, ao prazer de ler. Segundo, Melo e Silva (2015, p. 129), “*o vivido ganha sentido pelo prazer da experiência*”. Nesse caso o leitor passa a retardar a leitura, não tem pressa, aprecia cada momento e espera aquela hora como se espera um amante para o encontro do dia.

Era a primeira vez que Liesel saberia o significado das palavras prateadas. A partir dali as madrugadas seriam outras, seriam de leitura, de estesia. A leitura configura-se aqui, e em vários outros momentos da narrativa - parafraseando Melo (2015) - como ato de partilha, momento de socialização, motivo para viver. E o desejo de ler

só aumentaria. No entanto, era preciso mais livros. Em casa ela não os tinha, o que fazer então? Eis que surge um novo momento, uma nova oportunidade e também mais cúmplices para seus atos criminosos, roubar livros.

### **Abordagem do romance por meio da sintaxe narrativa (Semiótica da narrativa)**

Para a semiótica narrativa (BARROS, 2005) todo texto é dotado de narratividade, mesmo que este não se constitua de um texto narrativo. Desse modo, a narrativa é pensada a partir de duas perspectivas: a transformação de estado do sujeito, modificado a partir de sua relação com o objeto e as relações entre destinador e destinatário. O destinador age como modificador, levando o destinatário a fazer X. Realizada a performance (ação), o destinador sanciona positiva ou negativamente o destinatário. Assim, para que haja a manipulação é necessário que os sujeitos compartilhem de um mesmo universo de valores, de que decorre o contrato fiduciário.

No nível narrativo, usando as categorias de Barros (2005) temos como sujeito (destinatário) a ladra de livros (Liesel Meminger) a qual não se encontra em conjunção com seu objeto de desejo (o livro/leitura). O cenário em que a narrativa se desenvolve possui como anti-sujeito (destinador) o Nazismo liderado por Hitler, assim como aqueles que o representam, o prefeito, por exemplo. Esse a todo momento tentará impedir a conjunção da menina com os livros, os quais, poderíamos atribuir, nesse contexto, ao sinônimo de liberdade. Ou seja, ao entrar em conjunção com o livro, o sujeito rompe com o determinado pelo destinador estabelecido pela censura e até interdição de leituras que não fossem de cunho nazista. Liesel, a todo momento, desenvolverá uma performance diferente da pretendida por seu destinador. Para isso ela contará com a ajuda de seu pai adotivo, Hans Hubermann (adjuvante). Em alguns momentos, Rudy (seu melhor amigo) também fará esse papel. No entanto, Hans é o primeiro e mais intenso colaborador, incentivador e comparsa de Liesel.

Também podemos citar como possível adjuvante Max, o judeu ajudado pela família adotiva de Liesel, em quem ela viu apoio para continuar suas leituras e ter motivos para ler. As leituras de Liesel deram sentido à vida de Max e permitiram que ele continuasse a lutar por ela. Mais uma vez temos o objeto de desejo relacionado as categorias liberdade versus prisão; vida versus morte. Outra grande colaboradora da menina é a mulher do prefeito (Ilsa Hermann). Ela apresenta a biblioteca à Liesel e a partir daí deixa a janela apenas encostada para que a menina possa entrar e furtar os livros. É também uma das incentivadoras de Liesel para que ela escreva seu próprio livro. Contudo, elegemos Hans como o principal adjuvante, pois a narradora enfatiza isso em vários momentos, inclusive, demonstrando em alguns que a própria menina o considerava a pessoa que mais a ajudou e instruiu na arte de viver, possibilitada por sua conjunção com os livros.

... desde o instante em que viu seu rosto, eu soube que aquele era o que ela mais amava... Ele sentara com ela no banheiro e lhe ensinara a enrolar cigarros. Dera pão a um homem morto na Rua Munique e dissera à menina para continuar lendo no abrigo antiaéreo. Talvez, se não o tivesse feito, ela não houvesse acabado escrevendo no porão. (ZUSAK, 2007,p.467).



Hans foi aquele que sempre acreditou em seu potencial. Que a incentivou a ler para as outras pessoas. Ele, diferente dos demais, acreditava que a leitura (os livros) era/eram vida; davam sentido à vida; poderia salvar vidas.

Quatro anos depois, quando ela começou a escrever no porão, duas ideias ocorreram a Liesel... Primeiro, ela achou que tivera uma sorte imensa em ter sido papai a descobrir o livro... Segundo, ela sentia um orgulho evidente do papel de Hans Hubermann em sua educação. *Talvez você não imagine, escreveu, mas não foi tanto a escola que me ajudou a ler. Foi papai. As pessoas acham que ele não é inteligente, e é verdade que ele não lê muito depressa, mas eu não tardaria a saber que as palavras e a escrita tinham salvado sua vida, uma vez. Ou, pelo menos, as palavras ou um homem que lhe ensina acordeão...* (ZUSAK, 2007, p.59).

O desejo de conjunção com os livros revela o anseio de liberdade expresso pelo pai adotivo, liberdade ideológica, liberdade de expressão, algo não permitido naquele contexto. Desse modo, a biblioteca do prefeito irá surgir como o lugar que satisfará os desejos da menina. Somente ali os livros ficaram intactos após a grande fogueira que consumiu todos eles (exceto o que a menina conseguiu retirar do fogo - seu 2º roubo), demonstrando o poder social e político representado pelo prefeito em detrimento dos demais personagens. Ele, um representante do nazismo e da prisão ideológica em que aquela população vivia priva a menina e todos a conjunção com os livros ao passo que sua esposa, sem que ele saiba, rompe com o imposto e facilita o contato da menina com o proibido, a biblioteca.

Diante de toda tragédia vivida por Liesel, o objeto de desejo da narrativa (os livros) permitirá ao destinatário um salto para seus momentos de felicidade, frios no estômago, calor no peito, e muitas outras sensações que permearão a narrativa dos roubos e dos momentos de leitura. A competência pretendida pelo destinador pressupõe obedecer às regras do nazismo, entre elas, somente ler o *Mein Kampf*. Nossa menina, no entanto, não consegue ser obediente e começa a ler tudo o que puder, sejam os livros roubados ou mesmo pedaços de jornais que encontra pelo chão. *“Agora, toda vez que ia e voltava da escola, Liesel ficava à procura de objetos descartados que pudessem ser valiosos para um homem agonizante.”* (ZUSAK, 2007, p.284).

Nesse contexto temos para a sintaxe narrativa o Nazismo liderado pelo Fuhrer como cerceador da liberdade ideológica e, como destinatário, Liesel que em seus atos contestará a todo o momento as ordens impostas pelo nazismo na tentativa de ser livre ideologicamente. Mesmo sendo criança, e não conhecendo as palavras, sabe a dor da perda da família consanguínea devido ao contexto político da época. Desse modo, como competência há a predominância da não obediência de Liesel às ordens dadas por Hitler e impostas por seus seguidores. Como performance temos a ação de “quebrar as regras” e roubar os livros proibidos pelo nazismo.

## A fusão sensorial entre sujeito e objeto

O romance enquanto arte tem a função de criticar ou entreter o leitor. Nesse movimento temos a experiência da estesia como momento em que o acontecimento real ultrapasse toda e qualquer expectativa. É como se o relógio parasse, e todo e qualquer movimento fora do acontecimento não importasse. Sob esta perspectiva, segundo Fiorin (1999), durante a experiência estética o tempo para e, ocorre um sincretismo entre sujeito e objeto.

Ao trabalharmos neste artigo com a análise do romance apresentado acima, vemos em *Liesel* e os livros claramente esses momentos de estesia. Ela sempre viveu em disjunção com estes. Quando se depara com *O Manual do cozeiro*, apossa-se dele, mesmo não sabendo ler, já rompe com sua realidade inicial. Após esse rompimento, no qual, fazemos uma conjunção do sujeito com objeto, passamos a outro plano enunciativo. Vejamos abaixo o momento do segundo roubo:

Começaram a deixar a cena do crime... **O Dar de Ombros** estava grudado em sua caixa torácica. Quando os dois passaram pelas sombras incertas junto à prefeitura, a menina que roubava livros estremeceu. – O que foi? – Perguntou o pai. – Nada. Mas uma porção de coisas estava decididamente errada: Havia uma fumaça saindo da gola de Liesel. Um colar de suor formara-se em torno de sua garganta. Embaixo da blusa, um livro a estava devorando. (ZUSAK, 2007, p,112, grifo nosso).

No trecho acima a narradora descreve o exato momento em que o sujeito entra em- conjunção novamente com seu objeto de desejo. Naquele momento, mesmo cercada por soldados nazistas, enfrenta seus medos e consegue retirar um livro da fogueira. Sua vontade era apossar-se de um livro, não importava qual. Quando a narradora ressalta que “*Embaixo da blusa, um livro a estava devorando.*” O leitor pode fazer duas interpretações: a primeira de que como o livro havia sido retirado de uma fogueira queimava, portanto, a pele da menina. Por outro lado, esse devorar pode ser entendido como um momento de extremo êxtase devido a seu feito, ou seja, roubar aquele livro a enchia de vida, de vigor.

Observa-se que o destinatário em seu ato performativo rompe mais uma vez o querer pretendido pelo destinador. Enfrenta tudo e todos, seus medos, o medo do Furrer: “...quando surruiu aquele livro debaixo de uma pilha fumegante de cinzas, *Liesel era uma menina feita de trevas.*” (ZUSAK, p. 76, grifo nosso). Temos claramente nesse trecho a conjunção total entre sujeito e objeto salientado pelo uso, mais uma vez, de um jogo de palavras: “*Nessa outra dimensão enunciativa, o sujeito deixa a realidade da existência, para viver, durante o tempo da experiência estética, uma surrealidade, uma segunda vida.*” (FIORIN, 1999, p.104).

Podemos identificar essa fratura (momento de estesia), ao longo do livro, nos vários momentos em que a leitura permitirá a menina suportar a dor que sente devido a tantas perdas e o medo de perder seus entes queridos mais uma vez para o nazismo. Além disso, roubar livros já a remete a um ambiente oposto, outro plano enunciativo, o qual, ela domina e não é dominada. Entre esses momentos podemos citar: o primei-

ro roubo e o medo de descobrirem o livro embaixo de sua cama (*O manual do coveiro*), as leituras durante as madrugadas com seu pai adotivo; o segundo roubo (*O Dar de Ombros*) na fogueira feita pelos soldados nazistas; as cartas escritas para a mãe biológica; os demais roubos como de *O Assobiador* e o *O último forasteiro humano*; *A sacudidora de palavras* (livro feito por Max para Liesel, o qual ressalta uma outra versão da história); *A menina que roubava livros* (escrito por Liesel) o qual aparece agarrada no momento do bombardeio e que é jogado no lixo por aqueles que limpam a rua dos escombros.

No primeiro momento o roubo se dá por impulso. A vontade de ter uma lembrança da família consanguínea. No segundo momento, uma vontade de ter algo para ler e as sensações que o perigo de tal ação provoca em seu corpo, dando significado e sabor a sua vida. A menina assume tais perigos mesmo correndo riscos de sanções como ser pega pelos soldados de Hitler e/ou perder seu pai adotivo, ou ainda descobrirem que havia um judeu em seu porão. Em outros momentos a leitura se faz necessária como fuga aos bombardeios, anestesia para superar a dor da morte de entes queridos, felicidade em momentos de tristeza, remédio durante a doença de Max, etc. Identificamos assim, a fractura, pois nesses momentos “o sujeito depara-se com um acontecimento extraordinário, que o retira de seu universo de previsibilidade e o encanta a partir de possibilidades (ou promessas) juntivas.” (TATIT, 1999, p. 197).

A fractura (estesia) dos momentos em que a destinatária entra em conjunção com o objeto surge da necessidade de ser livre ideologicamente. Liesel não entendia o porquê das mortes e cerceamento de liberdade das pessoas. Para ela todos eram iguais, eram bons, qual motivo levaria alguém a querer eliminá-los?

Roubar os livros era a única maneira de fugir dos momentos de maior tensão diante do caos sociopolítico da época, uma vez que a “literatura nos leva a diferentes mundos, sendo o leitor uma espécie de viajante” (MELO e SILVA, 2015, p. 128). Seguir as ordens determinadas pela ideologia nazista era a intenção daqueles que as impunham por meio da privação de liberdade e tortura (a sanção) aplicados aos judeus ou a qualquer um que os ajudasse. Liesel, apesar de muitos receios diante de toda situação que presenciara; de ainda criança perder seus pais e seu único irmão sem compreender os motivos; de ter a possibilidade de perder a nova família que conquistara, não se deixou intimidar. Decidiu enfrentar tudo e todos e, o livro (objeto), foi quem lhe permitiu essa conjunção com a liberdade.

## Referências

- A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS. Direção de Brian Percival. Produção: Fox Filme Brasil, jan/ 2014. Áudio Português. Duração 2:11:12.
- BARROS, Diana Luiz de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo-SP. Ática, 2005.
- FIORIN, José Luiz. Objeto artístico e experiência estética. In: LANDOWSKI, Eric; DORRA, Raúl; OLIVEIRA, Ana Cláudia (Orgs.). *Semiótica, estesis, estética*. São Paulo: EDUC/Puebla: UAP, 1999, p. 101-118.
- MASSAUD, Moisés. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- MELO, Márcio Araújo de. *Entre livros, leitores e realidade*. Revista Via Atlântica/USP (online), n.28, 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/90221>. Acesso: setembro, 2018.
- MELO, Márcio Araújo de; SILVA, Luiza Helena Oliveira da. *O que pode o leitor? Entreletras*, v. 6, n.2, p. 120-132, jul/dez., 2015.
- TATIT, Luiz. A duração estética. In: LANDOWSKI, Eric; DORRA, Raúl; OLIVEIRA, Ana Cláudia (Orgs.). *Semiótica, estesis, estética*. São Paulo: EDUC/Puebla: UAP, 1999, p.195-211.
- ZUSAK, Marcus. *A menina que roubava livros*. Tradução de Vera Ribeiro – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

---

\*JACIELLE DA SILVA SANTOS (TOCANTINS) – Professora. Doutoranda em Ensino de Língua e Literatura PPGL/UFT. Membro do GESTO – Grupo de estudo dos sentidos /UFT. Mestre em Letras – PROFLETRAS 2014 (UFT). Professora da rede estadual do Tocantins – SEDUC/TO. Graduação em Letras/ Habilitação em Língua Portuguesa e Literatura (UFPA).